



TIPOS PSICOLÓGICOS E A DINÂMICA CONJUGAL: UMA ANÁLISE JUNGUIANA

Psychological types and conjugal dynamics: A Jungian analysis

Fabiani Martinez¹

Monica Perri Kohl Greghi²

¹ Aluna do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB

² Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que maneira os tipos psicológicos propostos por Carl Gustav Jung influenciam as dinâmicas conjugais, considerando a convivência, os conflitos e as possibilidades de crescimento mútuo no relacionamento. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, baseada em obras clássicas da psicologia analítica e em estudos que abordam a conjugalidade sob a perspectiva junguiana. A tipologia de Jung, composta pelas atitudes introversão e extroversão e pelas funções pensamento, sentimento, sensação e intuição, permite compreender como diferenças individuais repercutem no vínculo afetivo. Os resultados apontam que casais formados por tipos opostos tendem a experimentar tanto forte atração inicial quanto desafios significativos ao longo da convivência, devido às projeções, à função inferior e às divergências de funcionamento psíquico. Entretanto, constatou-se que essas diferenças, quando reconhecidas e trabalhadas, tornam-se catalisadoras do processo de individuação do casal, favorecendo amadurecimento emocional, ampliação da consciência e fortalecimento do vínculo. A relação conjugal, assim, transforma-se em um espaço simbólico de integração dos opostos, no qual cada parceiro atua como espelho das potencialidades e fragilidades do outro. Conclui-se que a compreensão dos tipos psicológicos é uma ferramenta essencial na clínica de casais, promovendo autoconhecimento, empatia e relações mais equilibradas e harmoniosas.

Palavras-Chave: Casais; Psicoterapia de casais; Psicologia jungiana; Conflitos conjugais; Tipos psicológicos.

Abstract

This study aimed to analyze how the psychological types proposed by Carl Gustav Jung influence conjugal dynamics, considering coexistence, conflict, and the possibilities for mutual growth within intimate relationships. This qualitative, bibliographic research was based on classical works of analytical psychology and contemporary studies on couple relationships from a Jungian perspective. Jung's typology, composed of the attitudes extraversion and introversion and the functions thinking, feeling, sensation, and intuition, offers a theoretical framework to understand how individual differences shape relational functioning. The findings indicate that couples formed by opposite psychological types often experience strong initial attraction as well as significant challenges throughout their relationship, due to projections, the influence of the inferior function, and contrasting ways of perceiving and judging reality. However, the results also show that these differences, when acknowledged and integrated, become catalysts for the individuation process within the couple, fostering emotional maturity, expansion of consciousness, and strengthening of the affective bond. The conjugal relationship thus becomes a symbolic space for the integration of opposites, in which each partner acts as a mirror of the other's potentials and vulnerabilities. It is concluded that understanding psychological types is an essential clinical tool in couple therapy, promoting self-knowledge, empathy, and the development of more balanced and harmonious relationships.

Keywords: Couples; Couples psychotherapy; Jungian psychology; marital conflicts; psychological types.

INTRODUÇÃO

Na obra Tipos Psicológicos, Carl Gustav Jung (2015, p. 445) apresenta uma análise detalhada sobre os tipos psicológicos, definindo suas características e classificando-os em seis tipos principais, sendo eles: extroversão, introversão, sensação, pensamento, sentimento e intuição. Com base em suas observações clínicas, o autor argumenta que as diferenças individuais psicológicas podem ser explicadas por esses tipos, que frequentemente orientam nossas escolhas e inclinações para determinadas atitudes.

Segundo Jung (2015, p. 18), essas diferenças de personalidade são divididas em dois grupos principais: o extrovertido e o introvertido, sendo a principal distinção a direção da energia psíquica do indivíduo. No caso do tipo extrovertido, essa energia é voltada para o mundo exterior, enquanto no tipo introvertido, a energia se concentra no mundo interior (Goto; Kamei; Fujii, 2007). Além dessas atitudes, o autor em seu

livro “Tipos psicológicos” (2015), descreveu quatro funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição, cada uma podendo se manifestar de maneira introvertida ou extrovertida

Nesse contexto, surge a seguinte indagação: de que maneira os diferentes tipos psicológicos, conforme propostos por Carl Gustav Jung, influenciam as dinâmicas conjugais e a convivência entre os parceiros?

Atualmente estamos diante do crescente aumento das taxas de divórcio no século XXI. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o número de divórcios no Brasil atingiu um recorde de 420 mil casos em 2022, representando um aumento de 8,6% em relação ao ano anterior (IBGE, 2024). Esse cenário evidencia as dificuldades enfrentadas pelos casais na manutenção de vínculos conjugais duradouros e saudáveis. Nesse sentido, a atuação do psicólogo de casal torna-se essencial, sendo uma área em constante crescimento e que exige preparo teórico e sensibilidade clínica. Compreender os tipos psicológicos permite ao profissional identificar padrões de comportamento, possíveis fontes de conflito e afinidades entre os parceiros, favorecendo intervenções mais eficazes, baseadas no autoconhecimento e na valorização das potencialidades individuais. A aplicação dessa teoria promove a empatia, o equilíbrio emocional e a construção de vínculos mais saudáveis e resilientes, contribuindo de forma significativa para a saúde conjugal.

Apesar da relevância desse tema, uma investigação da literatura publicada entre 2014 e 2024 revela uma escassez significativa de estudos dedicados especificamente à terapia de casal sob a ótica junguiana. Enquanto há ampla produção científica sobre dinâmicas conjugais em geral, poucos trabalhos abordam, de forma aprofundada, a aplicação clínica da psicologia analítica nesses contextos. Observa-se ainda que os poucos materiais disponíveis sobre o assunto estão majoritariamente publicados em língua portuguesa, como demonstra Gimaël (2008).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar de que maneira os diferentes tipos psicológicos, conforme a teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung, influenciam as dinâmicas conjugais e a convivência entre os parceiros. Especificamente, busca-se: compreender os principais conceitos da tipologia junguiana; identificar como essas características se manifestam nas relações afetivas; investigar, com base na literatura, quais combinações de tipos psicológicos favorecem ou dificultam a convivência conjugal; refletir sobre o papel do autoconhecimento na construção de relações mais

harmônicas; e destacar a importância do psicólogo na compreensão desses tipos para melhor orientar e conduzir o atendimento clínico voltado a casais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi de natureza qualitativa e bibliográfica. A escolha pela abordagem qualitativa justificou-se pela intenção de compreender de forma aprofundada os conceitos teóricos, simbólicos e subjetivos relacionados à teoria dos Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung, especialmente em sua aplicação às relações conjugais. Como pesquisa bibliográfica, o estudo buscou analisar, interpretar e integrar contribuições teóricas já publicadas sobre o tema, utilizando como principais fontes livros, artigos científicos, dissertações e teses. As fontes bibliográficas foram selecionadas por meio de buscas em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como SciELO (Scientific electronic library online), PePSIC (Periódicos de psicologia), Repositório de Produção USP, Repositório de Produção PUC PR, Repositório de Produção PUC SP, Google Acadêmico e outros repositórios institucionais. Inicialmente, foram considerados os trabalhos publicados nos últimos dez anos. No entanto, devido à escassez de publicações recentes que abordassem especificamente a relação entre os tipos psicológicos e as dinâmicas conjugais, foi necessário recorrer também a publicações mais antigas e de extrema contribuição, desde que reconhecidas academicamente e relevantes para o aprofundamento teórico do tema. A seleção das obras levou em conta a pertinência conceitual ao objeto de estudo, sendo descartadas fontes superficiais, repetitivas ou sem embasamento acadêmico. O material coletado foi analisado qualitativamente, por meio da identificação de categorias temáticas emergentes, relacionadas à compatibilidade, divergência e harmonia entre os tipos psicológicos de Jung em relações conjugais. A interpretação dos dados foi guiada pelo referencial teórico da Psicologia Analítica de C. G. Jung, com o objetivo de identificar conexões simbólicas e conceituais entre os textos analisados e o fenômeno investigado. Por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, não houve envolvimento direto de seres humanos nem coleta de dados empíricos. Assim, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, não foi necessária a submissão deste estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

A partir da teoria desenvolvida por Jung (2015) em *Tipos Psicológicos*, é possível refletir sobre como os diferentes perfis de personalidade influenciam as relações interpessoais, incluindo as conjugais. Embora Jung não tenha abordado diretamente as dinâmicas conjugais, sua tipologia oferece subsídios valiosos para compreender como as diferenças individuais podem impactar as interações entre parceiros e, por extensão, as dinâmicas familiares.

Além dos conceitos previamente apresentados, a obra explora a diferença entre o extrovertido consciente e inconsciente, bem como o introvertido consciente e inconsciente. (Jung, 2015, p. 449). A atitude extrovertida consciente é marcada pela orientação predominante para o mundo externo, onde as ações e decisões do indivíduo são moldadas por fatores objetivos e condições externas, mais do que por reflexões ou opiniões subjetivas. Para o tipo extrovertido inconsciente, o objeto externo exerce uma influência maior na sua consciência do que sua própria introspecção, e suas ações tendem a ser determinadas pelas circunstâncias externas, e não por fatores internos ou pessoais. Jung (2015, p. 454) acrescenta que a atitude inconsciente age como uma compensação da atitude extrovertida consciente, assumindo uma forma introvertida. Nesse caso, quando a energia psíquica é excessivamente direcionada para o mundo exterior, as necessidades internas e desejos profundos são reprimidos, gerando um conflito inconsciente.

Além disso, o sentimento extrovertido, de acordo com a teoria, é orientado pelo mundo externo e pelos valores sociais. Ele busca se adaptar ao que é considerado correto ou belo pela coletividade, deixando de lado o juízo subjetivo (Jung, 2015, p. 476). Essa atitude favorece a convivência social, mas, quando exagerada, pode tornar a pessoa fria, artificial e desconectada de seus sentimentos autênticos. Nessa abordagem, observa-se que esse tipo de sentimento é mais comum entre mulheres, moldado pela educação e normas sociais. Em casos extremos, o indivíduo perde sua individualidade, tornando-se apenas reflexo das expectativas externas (Jung, 2015, p. 476).

O tipo sensação extrovertido, segundo o autor da teoria, é focado no mundo externo e percebe a realidade por meio dos sentidos. Valoriza o que é concreto, visível e tangível, rejeitando o subjetivo e o abstrato. Vive intensamente o presente, é prático, atento aos detalhes e busca novas experiências sensoriais. Suas decisões são guiadas por dados objetivos e sensações reais, e a função oposta (a intuição) costuma

ser reprimida. Quando equilibrado, adapta-se bem à realidade e pode demonstrar refinamento e bom gosto, sem ser necessariamente hedonista (Jung, 2015, p. 484).

Além disso, o tipo intuição extrovertido é guiado por possibilidades futuras e estímulos externos e está sempre em busca de novas oportunidades, evitando situações estáveis e duradouras. Age com base na intuição, sem se prender a regras, sentimentos ou convenções, podendo parecer instável ou aventureiro. É comum em profissões dinâmicas e, segundo Jung, mais frequente entre mulheres, que usam essa intuição para criar e explorar vínculos sociais (Jung, 2015, p. 489–490).

O pensamento extrovertido, é orientado pelo mundo externo e valoriza dados objetivos, tradições e normas sociais. As pessoas com esse tipo de pensamento organizam suas vidas com base em critérios externos e buscam uma verdade objetiva. Podem parecer frias ou inflexíveis, pois julgam o certo e o errado conforme padrões gerais, sem tolerar desvios (Jung, 2015, p. 464–465).

No contexto da psicologia analítica, o tipo psicológico introvertido é caracterizado por uma orientação voltada para o mundo interno e subjetivo. Ao contrário do tipo extrovertido, que baseia suas decisões e percepções em dados objetivos e no ambiente externo, o introvertido dá maior importância aos fatores internos, como pensamentos, sentimentos e interpretações pessoais. Para ele, a realidade não é apenas aquilo que está fora, mas também aquilo que representa internamente. Essa abordagem valoriza o significado subjetivo da experiência, reconhecendo que a percepção e o conhecimento não são totalmente objetivos, mas mediados pela individualidade psíquica do sujeito (Jung, 2015, p. 496–497).

O tipo introvertido consciente caracteriza-se por direcionar sua atenção principalmente para o mundo interior, valorizando suas próprias percepções, pensamentos e sentimentos subjetivos. Embora esteja atento ao que ocorre no ambiente externo, ele interpreta essas informações a partir de sua experiência interna, exercendo controle consciente sobre suas reações e mantendo um equilíbrio entre o interno e o externo (Jung, 2015, p. 496).

Em contraste, o tipo introvertido inconsciente enfrenta um conflito interno profundo em relação ao mundo externo, que Jung chama de “objeto”. Nesse caso, mesmo que o consciente tente dominar e controlar esse mundo externo, existe uma influência inconsciente muito forte que acaba dominando o indivíduo. Essa situação gera uma sensação de dependência e medo, levando-o a desenvolver mecanismos defensivos para tentar preservar uma aparência de controle, ainda que isso

intensifique seu afastamento do mundo exterior e cause sofrimento emocional (Jung, 2015, p. 501–502).

O pensamento introvertido é guiado por fatores subjetivos, priorizando ideias internas em vez de fatos. Este tipo de pensamento busca o significado dentro do próprio sujeito, com pouca ligação com a realidade externa (Jung, 2015, p. 503, 506). Esse tipo aprofunda ideias internas, mas pode se afastar do mundo real, rejeitando o objeto externo. Valoriza a reflexão, mas pode gerar isolamento, mal-entendidos e dificuldade de comunicação (Jung, 2015, p. 506).

Já o sentimento introvertido, à luz dessa concepção psicológica, é guiado por fatores internos e subjetivos, sendo difícil de expressar e compreender. Este sentimento não se orienta pelo mundo externo, mas por valores e imagens internas. Por isso, costuma parecer frio ou indiferente, embora seja profundo e intenso. Sua expressão é sutil, muitas vezes artística ou simbólica, e pode se retrair diante de estímulos externos que não se alinham com seu mundo interior. Esse tipo de sentimento busca harmonia interna e tende a evitar interferências do ambiente (Jung, 2015, p. 510–511, 513).

A sensação introvertida é, em teoria, uma função que prioriza a experiência subjetiva diante dos estímulos externos. Ela não busca representar o objeto fielmente, mas sim a impressão interna que ele provoca. Esse tipo de sensação valoriza o mundo interno e simbólico, podendo se distanciar da realidade objetiva e, em casos extremos, confundir percepção com fantasia (Jung, 2015, p. 518–519, 520–521).

Para a intuição introvertida, o autor destaca que, esta é voltada para o mundo interior e capta conteúdos simbólicos e inconscientes que não são diretamente perceptíveis pelos sentidos. Pessoas com essa função dominante têm uma percepção voltada para possibilidades internas, ideias abstratas e imagens mentais profundas. As pessoas com esta intuição tendem a ter uma visão profética ou visionária, enxergando sentidos ocultos nas situações, mas podem parecer distantes da realidade externa. Em excesso, essa função pode levar ao isolamento e à dificuldade de comunicação, já que suas percepções nem sempre são facilmente compreendidas pelos outros (Jung, 2015, p. 524–525, 527–528).

Com o objetivo de facilitar a compreensão dos termos apresentados, foi elaborada uma tabela contendo os conceitos de extrovertido e introvertido, tanto em seus aspectos conscientes quanto inconscientes, acompanhados de suas respectivas

explicações. Considerando a complexidade desses conceitos, a tabela busca resumir e apresentar de forma mais clara os tipos psicológicos.

Tabela 1: O extrovertido e o introvertido no aspecto consciente e inconsciente

	CONSCIENTE	INCONSCIENTE
EXTROVERTIDO	Atitude de orientação externa, moldada pelo ambiente.	A atitude inconsciente funciona como uma compensação, assumindo característica introvertida.
INTROVERTIDO	Atitude voltada para o mundo interno e subjetivo, valorizando sua experiência e percepções internas.	Atitude em conflito com o consciente, enquanto o inconsciente domina o indivíduo, tornando-o defensivo e afastado do mundo exterior.

Fonte: “Elaborado pelo autor” (2025).

Diante disso, foi elaborada uma segunda tabela com o objetivo de esclarecer os conceitos dos tipos psicológicos pensamento, sentimento, sensação e intuição, considerando também suas manifestações em atitudes extrovertidas e introvertidas, a fim de facilitar a compreensão do leitor sobre o tema central desta pesquisa.

Tabela 2: Os tipos pensamento, sentimento, sensação e intuição em suas manifestações extrovertidas e introvertidas.

	EXTROVERTIDO	INTROVERTIDO
--	--------------	--------------

PENSAMENTO	Valorização de dados objetivos, tradições e normas sociais	Voltado a fatores subjetivos, valorizando ideias internas e a reflexão.
SENTIMENTO	Orientação pelo correto e belo coletivamente, e por valores sociais.	Guiado pelo subjetivo, por imagens e por valores internos.
SENSAÇÃO	Percebe a realidade pelos sentidos; valoriza o concreto e o visível.	Valoriza a expressão subjetiva diante do externo; busca a sensação que o objeto provoca, e não o objeto em si.
INTUIÇÃO	Guiado por possibilidades futuras; age com base na intuição, sem se prender ao estável.	Voltado ao mundo interior simbólico, abstrato e inconsciente.

Fonte: “Elaborado pelo autor” (2025).

Além dos conceitos já apresentados, a teoria junguiana destaca a individuação como processo central para o desenvolvimento da personalidade autêntica, ou seja, o esforço do indivíduo para tornar-se aquilo que realmente é (Jung, 2008). Ainda o mesmo autor critica a tendência da sociedade de padronizar e nivelar os indivíduos, alertando que o verdadeiro progresso humano surge da capacidade de cada pessoa desenvolver sua própria singularidade, em vez de se conformar às expectativas coletivas.

Dentro dessa perspectiva, o relacionamento conjugal é concebido como um espaço de desenvolvimento psicológico mútuo, no qual ocorre o chamado processo de individuação do casal. Esse processo envolve a integração das personalidades individuais dentro da dinâmica da relação, o que exige o enfrentamento e a assimilação de conteúdos inconscientes ou reprimidos por cada parceiro. A convivência passa a ser, assim, um campo de integração de opostos, no qual divergências não são vistas como ameaças, mas como oportunidades para o crescimento conjunto (Gimael, 2008).

O autor também cita que o encontro amoroso pode ser visto como uma oportunidade de desenvolvimento psicológico, pois coloca em movimento a dinâmica entre anima e animus, aspectos contrassexuais da psique que, quando reconhecidos e integrados, ampliam a consciência. A anima representa o aspecto feminino presente na psique do homem, enquanto o animus corresponde ao aspecto masculino presente na psique da mulher.

Outro estudioso defende que todos os indivíduos possuem esses dois componentes psíquicos, ainda que um deles seja geralmente reprimido, influenciando inconscientemente os comportamentos e vínculos afetivos. A compreensão desses arquétipos contribui para a análise de expectativas inconscientes e projeções no relacionamento afetivo (Goto; Kamei; Fujii, 2007).

A anima manifesta-se no homem através de atitudes que variam entre apatia e hipersensibilidade, enquanto o animus se revela na mulher por meio de rigidez e tendências dominadoras. Essas polaridades representam os aspectos inconscientes do masculino e do feminino presentes em cada indivíduo e influenciam a maneira como o casal se relaciona. Compreender e equilibrar essas forças internas é fundamental para a harmonia conjugal e para o processo de individuação (Vieira, 2024).

Nesse sentido, a individuação pode ser entendida como um processo subjetivo de integração pessoal e, ao mesmo tempo, objetivo, pois se realiza na convivência e na troca com o outro. Aspectos importantes desse processo incluem o reconhecimento das projeções, a capacidade de lidar com conflitos, o desenvolvimento da autoconsciência e a compreensão das dinâmicas de anima e animus (Vieira, 2024).

Desse modo, o casamento não é apenas uma união social ou afetiva, mas um espaço simbólico de individuação, onde cada parceiro é convocado a confrontar e integrar suas próprias sombras. Desse modo, o conceito junguiano de sombra ajuda a compreender a origem de muitos impasses e desafios nas relações amorosas.

A sombra constitui a parte inconsciente da personalidade, onde se acumulam conteúdos reprimidos, negados ou não aceitos pela consciência, tudo aquilo que o “eu” rejeita por considerar inapropriado ou incompatível com sua autoimagem (Silveira, 1981).

Quando esses aspectos sombrios não são reconhecidos e integrados, acabam sendo projetados nos outros, levando o indivíduo a enxergar fora de si o que, na verdade, pertence ao seu próprio inconsciente (Benedito, 2021). Esse mecanismo é

uma das principais fontes de tensão nas relações afetivas, pois faz com que o parceiro se torne o alvo de críticas, frustrações e julgamentos que têm origem no mundo interno de quem os projeta (Silveira, 1981). Assim, a sombra projetada no parceiro faz com que o indivíduo perceba nele justamente aquilo que rejeita, teme ou não aceita em si mesmo, transformando o relacionamento em um espelho revelador das próprias contradições e possibilidades de crescimento (Vieira, 2024).

Os conflitos conjugais frequentemente vão além das diferenças cotidianas e revelam aspectos mais profundos da psique de cada parceiro. A convivência íntima faz emergir conteúdos inconscientes, muitas vezes projetados no outro, tornando o relacionamento um espelho das próprias tensões internas (Silva, 2016).

No contexto da conjugalidade, segundo Gimael (2008), entende-se que os relacionamentos podem assumir formas distintas de simbiose. A simbiose patológica caracteriza-se pela fusão inconsciente entre os parceiros, em que a diferenciação entre o “eu” e o “outro” não ocorre de maneira saudável. Nesse tipo de vínculo, o casal funciona como se fosse “um só”, o que tende a gerar frustrações, ressentimentos e um distanciamento progressivo. Cada cônjuge projeta suas carências e fragilidades no parceiro, responsabilizando-o pelos próprios vazios existenciais. Essa dinâmica impede o crescimento individual e leva a uma estagnação emocional e relacional, podendo culminar no adoecimento da relação ou até mesmo em sua ruptura.

Por outro lado, segundo o mesmo autor, a simbiose criativa surge quando o casal consegue transformar o encontro dos opostos em um espaço de crescimento mútuo e individuação. Nessa perspectiva, cada parceiro é capaz de reconhecer e respeitar as diferenças, compreendendo o outro como um símbolo de transformação e ampliação da consciência. O conflito, nesse caso, não é visto como ameaça, mas como oportunidade de amadurecimento, permitindo que a relação seja vivida de forma construtiva, preservando a individualidade ao mesmo tempo em que fortalece o vínculo conjugal.

No contexto conjugal, a individuação é especialmente relevante. Relações saudáveis dependem do reconhecimento das diferenças entre “eu” e “outro”, evitando padrões simbióticos patológicos nos quais um parceiro se anula em função do outro. A consciência de si e o desenvolvimento da própria personalidade permitem que cada cônjuge participe de uma simbiose criativa, na qual as diferenças são respeitadas e integradas de maneira construtiva (Gimael, 2008).

De acordo com Silva (2016), para que um relacionamento seja saudável, é necessário que cada indivíduo consiga distinguir-se do outro e desenvolver consciência de si mesmo. Na convivência, aspectos conscientes e inconscientes são despertados, exigindo do casal um constante exercício de autoconhecimento ao longo da relação. A consciência de quem somos só pode emergir através do contato com o outro, pois é na relação que se revelam partes de nós mesmos antes desconhecidas. Nenhum casamento evolui sem passar por crises, pois são justamente os conflitos e desafios que impulsionam o amadurecimento.

Desse modo, o autor esclarece que quando o casal aceita o processo de descoberta mútua, os desafios deixam de ser vistos de forma negativa e passam a favorecer o crescimento pessoal e conjunto. Assim, cada parceiro contribui para o desenvolvimento individual e para a transformação da relação. Estar disponível para acompanhar o processo de individuação do outro é fundamental, já que se trata de um caminho que ocorre de forma paralela entre os dois.

Diante disso, tipos psicológicos propostos por Jung podem ser utilizados como referencial teórico para compreender de que forma as preferências de percepção e julgamento influenciam a dinâmica conjugal. Casais que reconhecem e valorizam suas diferenças tipológicas têm maior potencial para crescimento mútuo, pois cada parceiro contribui com qualidades complementares à relação (Jung, 2008). Dessa forma, o processo de individuação não apenas fortalece o desenvolvimento pessoal, mas também promove relações conjugais mais equilibradas, maduras e harmoniosas.

Gimael (2008) fundamenta que o conceito de tipo psicológico, segundo a perspectiva junguiana, representa uma forma de desenvolvimento unilateral da personalidade, na qual o indivíduo tende a favorecer determinadas funções psíquicas, como a introversão ou a extroversão, em detrimento de outras, que acabam sendo deixadas de lado no inconsciente. Essas funções menos desenvolvidas, conhecidas como funções inferiores, frequentemente se manifestam no contexto da vida conjugal por meio de projeções no parceiro. Nesse sentido, a função inferior corresponde a aspectos da personalidade que, em geral, são pouco desenvolvidos, evitados ou não reconhecidos conscientemente.

Sendo assim, para o autor, a convivência próxima pode trazer esses conteúdos à tona, exigindo que o casal enfrente e compreenda essas diferenças. Com isso, o relacionamento passa a funcionar como um espaço de crescimento mútuo, no qual as

diferenças contribuem para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal de ambos.

Sanford (1987), em “Os parceiros invisíveis”, explica que muitos relacionamentos conjugais são formados por parceiros de naturezas opostas, pois cada um projeta no outro aspectos de sua psique que permanecem pouco desenvolvidos. Essa dinâmica inconsciente leva o indivíduo a buscar no parceiro aquilo que lhe falta, de modo que o extrovertido tende a se atrair pelo introvertido, o racional pelo afetivo, ou o ativo pelo contemplativo. Essa complementaridade, em um primeiro momento, desperta fascínio e sensação de completude, como se o outro viesse suprir lacunas internas.

Contudo, com o tempo, as diferenças passam a emergir como fonte de conflito, uma vez que o que antes era admirado pode passar a ser visto como limitação. O desafio, segundo o autor, consiste em reconhecer que os conteúdos projetados no parceiro fazem parte da própria individualidade. Ao assumir essas polaridades internas, a relação deixa de ser marcada pela simbiose inconsciente e transforma-se em um caminho de crescimento e individuação, permitindo que cada cônjuge viva a conjugalidade de forma mais madura e criativa (Sanford, 1987).

Por outro lado, ainda o mesmo autor ressalta que o casamento pode fracassar quando os parceiros insistem em manter as projeções, responsabilizando o outro por suas próprias faltas ou expectativas não reconhecidas. O processo de amadurecimento conjugal, portanto, requer que cada um retome suas projeções e se responsabilize por suas próprias emoções, desejos e frustrações. É nesse movimento que a relação pode se tornar um verdadeiro instrumento de individuação, promovendo crescimento psíquico mútuo.

No início de um relacionamento, é comum que o casal viva uma fase de idealização, na qual ainda não conhece profundamente a si nem ao outro. Muitas vezes, o motivo que desperta a escolha do parceiro, aquilo que inicialmente encanta, pode mais tarde tornar-se fonte de conflito. Essa dinâmica se explica pelo espelhamento que ocorre entre os dois, onde são refletidos tanto os aspectos positivos quanto os negativos de cada um. Quando tais conteúdos são reconhecidos e integrados ao ego, eles passam a contribuir para o amadurecimento e fortalecimento do vínculo conjugal, sendo parte essencial do processo de individuação (Silva, 2016).

Podemos entender que grande parte dos conflitos surge a partir dessas projeções, e o modo como o casal lida com elas é determinante para uma convivência

mais harmônica. Retirar as projeções e reconhecer o outro como um ser autônomo é um passo importante para o desenvolvimento psicológico e emocional da relação. No início, as projeções de anima e animus se intensificam, alimentadas pela paixão e pela imagem idealizada que cada um cria do outro. Com o tempo, surge a necessidade de reconhecer o outro em sua realidade, diferente da fantasia inicial. A busca pelo reconhecimento do outro como um indivíduo separado é essencial para a autonomia e para a continuidade do vínculo. Aspectos reprimidos que não são trabalhados podem dificultar a comunicação e gerar tensões, e a incapacidade de reconhecer traços negativos em si mesmo, projetando-os no outro, tende a prejudicar a convivência (Vieira, 2024).

Além disso, cada pessoa possui características mais conscientes e outras menos desenvolvidas, presentes no inconsciente. Dessa forma, um homem que manifesta predominantemente a racionalidade tende a se sentir atraído por uma mulher cuja consciência favoreça a emocionalidade ou o sentimento, promovendo uma complementaridade que favorece o crescimento pessoal de ambos (Goto; Kamei; Fujii, 2007). Assim, a escolha do parceiro não ocorre de maneira totalmente consciente, sendo influenciada por processos psíquicos que buscam complementaridade. Os autores destacam que os indivíduos frequentemente se sentem atraídos por pessoas cujas características são opostas às suas, o que contribui para o equilíbrio interno e favorece o desenvolvimento pessoal.

Casais compostos por indivíduos com tipos psicológicos opostos revelam uma dinâmica de complementaridade inconsciente, em que cada cônjuge atua como um espelho para o outro, refletindo aspectos negligenciados ou desconhecidos da própria psique. Nesse sentido, o relacionamento conjugal torna-se um espaço fértil para o processo de individuação, pois possibilita que ambos os parceiros confrontem e integrem partes de si que, de outra forma, permaneceriam inconscientes (Gimael, 2008).

Autores também destacam que essa dinâmica pode ser observada por meio das funções psicológicas de Jung (pensamento, sentimento, sensação e intuição) e das atitudes extrovertida e introvertida. Há uma tendência de atração entre funções complementares: indivíduos com pensamento como função superior tendem a se atrair por aqueles cuja função principal seja o sentimento; indivíduos do tipo sensação se sentem atraídos por parceiros intuitivos; e pessoas extrovertidas frequentemente se sentem atraídas por introvertidos, e vice-versa (Goto; Kamei; Fujii, 2007).

Durante o relacionamento, é natural que existam momentos de altos e baixos. Desde a fase inicial de encantamento até a formação do vínculo, surgem sentimentos positivos e negativos que são despertados ao longo do tempo. Os conflitos conjugais frequentemente se originam de emoções ambivalentes, como amor e raiva, que impulsionam tanto o desejo de proximidade quanto o de afastamento. Essa tensão, no entanto, pode favorecer o amadurecimento do casal, transformando a união em um espaço de crescimento e individuação. A partir dos conflitos, nasce a possibilidade de maturidade emocional. A tolerância e a união em períodos de crise ou transformação permitem que a energia psíquica seja direcionada para a resolução de dificuldades, fortalecendo o vínculo afetivo e a dinâmica conjugal (Benedito, 2021).

Dessa maneira, o vínculo afetivo vai além da busca por satisfação emocional e passa a representar um espaço de desenvolvimento psicológico compartilhado. O processo de individuação do casal, portanto, não se sustenta em relações de poder ou dominação, mas sim no reconhecimento e valorização das singularidades de cada parceiro, que contribuem, de forma complementar, para a construção de uma totalidade conjunta (Gimael, 2008).

CONCLUSÃO

Em geral, quando há tipos psicológicos opostos em uma relação afetiva, são justamente as diferenças que se tornam catalisadoras do amadurecimento individual e conjugal. Cada parceiro, ao se deparar com aquilo que lhe é estranho no outro, entra em contato com aspectos de si mesmo que talvez permanecessem inconscientes se não houvesse o espelho oferecido pela convivência e pelo contraste. Essa dinâmica, embora possa gerar tensões, frustrações e conflitos, é também a que promove o crescimento psicológico e o processo de individuação, conceito central na psicologia analítica de Jung, que se refere ao desenvolvimento da totalidade do ser, à integração dos opostos internos e à realização do self.

Na relação conjugal, é comum que os tipos psicológicos opostos se atraiam justamente porque, de forma inconsciente, cada um reconhece no outro aquilo que lhe falta ou que foi reprimido ao longo da vida. O extrovertido pode se encantar pela profundidade e introspecção do introvertido; o racional pode se sentir atraído pela sensibilidade do sentimento; o prático pode se fascinar pela imaginação do intuitivo. Contudo, o que inicialmente desperta admiração pode, com o tempo, tornar-se fonte

de conflito, à medida que as diferenças deixam de ser idealizadas e passam a se manifestar no cotidiano da convivência.

É nesse ponto que a relação se transforma em um verdadeiro campo de individuação. Confrontar o diferente no outro exige abertura, tolerância e, sobretudo, consciência. Quando o casal se dispõe a reconhecer que as divergências não são falhas ou ameaças, mas expressões legítimas de modos distintos de ser e perceber o mundo, começa a surgir um novo equilíbrio. O diálogo entre os opostos, em vez de ser uma luta de forças, torna-se uma oportunidade de integração: cada um aprende com o outro, amplia sua própria visão e enriquece sua personalidade.

Uma das autoras destaca ainda a importância da tipologia psicológica junguiana como uma ferramenta clínica eficaz no trabalho com casais. Essa teoria oferece um modelo não julgador que permite aos parceiros compreenderem suas diferenças de funcionamento psíquico, superando mal-entendidos e dores emocionais. A partir dessa compreensão, os casais podem abandonar a expectativa de simetria perfeita e passar a valorizar as diferenças como elementos potencialmente enriquecedores para a relação (Gimael, 2008).

Assim, quanto mais o casal se torna consciente dessas diferenças e aprende a integrá-las de maneira construtiva, mais madura e harmoniosa tende a ser a relação. A individuação, nesse contexto, não é apenas um processo individual, mas também relacional, um movimento conjunto de crescimento que transforma o vínculo em um espaço de desenvolvimento mútuo. Desse modo, a união entre tipos opostos deixa de ser uma fonte de conflito permanente para se tornar um caminho de evolução, onde o amor se renova e se aprofunda através da aceitação e da integração das polaridades humanas.

REFERÊNCIAS

BENEDITO, V. L. Y. (Org.). **Desafios à terapia de casal e de família: olhares junguianos na clínica contemporânea**. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

GOTO, T. A.; KAMEI, H.; FUJII, S. A influência dos tipos psicológicos no relacionamento de casal. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 25, n. 48, p. 27-38, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19793>. Acesso em: 18 mar. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Registro Civil: 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

JUNG, C. G. **Da formação da personalidade**. In: —. Realidade da alma. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 148–78. Disponível em: <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:700>. Acesso em: 13 set. 2025.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2015. Ebook. (Obras completas de C. G. Jung; v. 6).

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós**. Tradução de I. F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1987. 171 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/516914519/Os-Parceiros-Invisiveis-John-Sanford>. Acesso em: 13 set. 2025.

SILVA, I. F. **A casa de um casal jovem: a constituição dos espaços da casa como campo de símbolos expressivos do processo de construção da conjugalidade**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. DOI: 10.11606/D.47.2017.tde-22022017-121052. Acesso em: 23 out. 2025.

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra).

VIEIRA, K. F. S. **A terapia de casal junguiana: um estudo teórico da prática clínica**. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/43897>. Acesso em: 23 out. 2025.